

## **CRIANDO ESTRATÉGIAS PARA FAVORECER A INCLUSÃO DIGITAL, SOCIAL E ESCOLAR DE ALUNOS DEFICIENTES AUDITIVOS (D.A)** Jane Aparecida de Souza Santana, Flaviana dos Santos Silva, Livia Raposo Bardy. Orientadora: Elisa Tomoe Moriya Schlünzen. Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente – Fct/Unesp.

Atualmente, inúmeras legislações defendem a inclusão de pessoas com “deficiência” nas escolas, tornando esse processo um desafio para os educadores. Apesar dessa iniciativa, o que se observa é que grande parte deles não se sentem preparados para lidar com esses alunos, por não ter estratégias diferenciadas para favorecer uma aprendizagem inclusiva. Tendo em vista esta necessidade, buscamos desenvolver metodologias de ensino que possibilitem a inclusão escolar, social e digital de alunos com deficiência auditiva (D.A). Assim, realizamos atividades com dois alunos DA's: um no ensino de regular de Presidente Prudente/SP e outro em um ambiente informatizado da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT/UNESP), acompanhado pelo grupo de pesquisa Ambiente Potencializador para Inclusão (API). Para tanto, a metodologia adotada foi trabalho com projetos, visando criar um ambiente Construcionista Contextualizado e Significativo (CCS), utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como ferramentas potencializadoras de habilidades por meio de atividades que partiam das vivências e do contexto dos alunos, propiciando assim, uma nova perspectiva para inclusão desses alunos. Como resultados, verificamos que o uso dessa estratégia permitiu aos alunos deficientes o desenvolvimento de competências, habilidades cognitivas, afetivas e sociais, dando-lhes condições de serem incluídos socialmente, ou seja, no mercado de trabalho e em salas de aula comuns, bem como o desempenho de seu papel como qualquer cidadão. Logo constatamos que o uso das TIC permitiram que eles se sentissem produtivos. Além disso, acreditamos que ambos os trabalhos contribuíram na reflexão acerca do processo inclusivo de pessoas com deficiências e para a construção de uma escola inclusiva de qualidade para todos.

## **CRIANDO ESTRATÉGIAS PARA FAVORECER A INCLUSÃO DIGITAL, SOCIAL E ESCOLAR DE ALUNOS DEFICIENTES AUDITIVOS (D.A)**

### **Introdução**

O processo de inclusão de qualquer deficiente tem sido discutido por muitos profissionais da Educação e pesquisadores por acreditarem que para a Inclusão deixar de ser utópica/ilusória, a escola e os professores devem adotar práticas inovadoras em sala de aula, adaptando o projeto pedagógico, revendo sua postura para construir uma nova filosofia educativa.

Neste sentido, na Educação inclusiva não se espera que as Pessoas com Necessidades Especiais – PNE's se adaptem à escola, mas que esta se transforme propiciando o desenvolvimento de todos os alunos, independente de suas necessidade e/ ou limitações. De acordo com Guimarães (2003), “mais do que criar condições para os deficientes, a inclusão é um desafio que implica mudar a escola como um todo”. Contudo, pesquisas desenvolvidas na nessa área, evidenciam que o processo de inclusão não vem ocorrendo efetivamente no ambiente escolar, uma vez que as PNE's estão sendo inseridas em sala de aula, porém, os educadores não receberam uma formação adequada para atendê-los, exigindo um aperfeiçoamento e uma mudança constante na prática do educador.

No caso de um aluno deficiente auditivo (D.A) e surdo<sup>1</sup>, a situação torna-se agravante, pois para atendê-los é necessária a preparação dos professores na linguagem brasileira de sinal (LIBRAS),

---

<sup>1</sup> Aluno deficiente auditivo é considerado como alguém que em um período de sua vida foi ouvinte e por qualquer motivo deixou de ouvir. O surdo por sua vez é caracterizado como uma pessoa que tem surdez congênita. Nesses dois casos deve haver um processo de ensino diferenciado de um para o outro.

para que haja ao menos a compreensão e a comunicação entre ambos. Assim, acreditamos que a escola deva ser um lugar que favoreça o desenvolvimento físico, motor, emocional, cognitivo e social de todas as crianças ouvintes ou surdas. Ela deve valorizar as potencialidades e a autonomia destes alunos, deixando de fazer uso de procedimentos tradicionais que enfocam apenas a transmissão de informações.

Sendo assim, temos acompanhado um trabalho realizado pela professora em uma sala de recursos da rede municipal de ensino de Presidente Prudente/SP e desenvolvido pesquisas no grupo de pesquisa “Ambiente Potencializador para Inclusão (API)”, visando buscar estratégias para tornar possível a inclusão desses alunos de forma integrada.

No trabalho desenvolvido nessa escola, temos percebido que as crianças com necessidades auditivas foram incluídas parcialmente, pois um dos agravantes é o professor não estar capacitado para trabalhar com LIBRAS, configurando um dos primeiros passos para se tornar um profissional obsoleto no mundo da educação inclusiva, já que a mesma requer uma nova concepção de trabalho, ou seja, desenvolver novas competências e a flexibilidade com mudanças e a abertura para a atualização constante.

Paralelamente a este trabalho, está ocorrendo no API o acompanhamento um aluno D. A, visando propiciar a inclusão digital e social dos alunos, utilizando como metodologia o trabalho com projetos, articulando o uso TICs como ferramentas potencializadoras da aprendizagem de acordo com a abordagem Construcionista, Contextualizada e Significativa – CCS (SCHLUNZEN, 2000).

Assim, neste artigo procuraremos descrever experiências vivenciadas por nós no ambiente escolar e no API, bem como, os resultados alcançados com a metodologia de projetos para criar novas perspectivas para a inclusão de alunos especiais.

## **1. Relatos de experiências nos cenários investigados**

A seguir estaremos relatando como vêm sendo realizada as pesquisas nos ambientes: uma escolar regular e no API.

### **1.1 Escola ensino regular**

Em decorrência das iniciativas governamentais de inclusão, várias crianças e adolescentes com necessidades especiais – NE – tiveram a oportunidade de serem incluídas na rede regular de ensino, passando a freqüentar salas de aula compostas por alunos ditos “normais”.

Nesse sentido, nossa busca por maiores conhecimentos relacionados ao processo de inclusão, destacando os percalços transcorridos e impostos às pessoas com necessidades especiais, justifica-se por termos presenciado a aflição de uma mãe, que desde muito cedo ouvira o diagnóstico de que sua filha “A”, de 07 (sete) meses com um grau de surdez profunda, irreversível e que por isso teria que freqüentar uma instituição especializada para surdos. Essa aluna foi acompanhada por uma das autoras do artigo, desde sua infância que, ao acompanhar seu desenvolvimento, começou a notar que ela possuía muitas habilidades, e que muitos dos rótulos, principalmente os de “deficiência”, estavam incutidos somente em nossos pensamentos e ações.

Além disso, com o tempo, a pesquisadora percebeu que “A” foi crescendo, e foi se adaptando à sua realidade. Assim, ao vê-la brincar com sua filha “C”, da mesma faixa etária, a fez compreender que os rótulos acima mencionados, e os pré-conceitos, estão arraigados em muitos de nós, por herança cultural, porque para as crianças que praticam atividades lúdicas juntas, estes rótulos não se desenvolvem.

Ao iniciar a escolarização, implementamos o processo de observação e acompanhamento da inclusão de “A”, em uma escola pública de Presidente Prudente, onde inicialmente freqüentou uma sala especial (Específicas para PNE's e que necessitam de atendimento individualizado; nesta sala trabalha-se a sua alfabetização e, geralmente, atende-se alunos da mesma patologia.) para deficientes auditivos. Posteriormente, foi incluída em uma sala regular, passando a freqüentar como reforço pedagógico uma sala de recurso duas a três vezes por semana.

Integrada naquela sala de recurso, convivia com alunos que possuíam a mesma deficiência, com maior ou menor grau de audição. Foi nesse ambiente que os alunos especiais aprenderam a se comunicar através da linguagem de sinais (libras, coordenados por uma professora especialista), participando de eventos e rompendo com algumas barreiras para além da sala, sendo incluídos também socialmente e fortalecendo cada vez mais as atitudes de aceitação das diferenças individuais e de valorização da diversidade humana.

Após sua inclusão na “sala de ensino regular”, percebeu-se para a aluna um ganho significativo no que concerne aos aspectos: cognitivos, sociais e emocionais; bem como um aumento de sua auto-estima e autonomia. Os colegas e familiares passaram a olhá-la de maneira diferente, acreditando em suas potencialidades e habilidades.

Segundo relatos da mãe de “A”, juntamente com a da professora da sala regular e da professora especialista, o seu desempenho escolar melhorou consideravelmente, principalmente na área da escrita, pois alunos “surdos” possuem dificuldades em desenvolver e assimilar a linguagem escrita. Além disso, pôde desenvolver uma socialização com colegas, ampliando suas amizades, participando de atividades de educação física, teatro, ficha de leitura utilizando linguagem de sinais (LIBRAS), leitura labial e, principalmente, a utilizar o computador, participações que não eram observadas no período anterior à sua inclusão.

Sabe-se que nesta mesma escola, alguns professores já perceberam que a inserção, seguida de inclusão é possível, porque tiveram experiências que lhes demonstraram essa possibilidade; outros estão em busca dessa certeza e se empenham por encontrá-la, em suas aulas.

Com base nas experiências vivenciadas, e nas leituras realizadas, podemos constatar que se a escola rever sua maneira de ensinar e propiciar a aprendizagem, aceitando os caminhos isotrópicos<sup>2</sup> dos seus alunos, haverá a possibilidade dos alunos com Necessidades Especiais serem incluídos e participarem deste ambiente. Para tanto, a escola como instituição social deve oferecer um espaço que favoreça a interação da criança que irá partilhar das experiências com o meio social. Esta oportunidade pode ocorrer na relação com seus amigos, com ou sem necessidades especiais, no contato com os ambientes aos quais foram privados pela própria condição, oportunizando-lhes interagirem, experienciando e vivenciando como qualquer outro ser atividades comuns em seu cotidiano.

Diante deste cenário, e concordando com alguns autores, como Mantoan (1998), que considera os efeitos sociais e psicológicos causadores dos “rótulos” contribuindo, desta forma, para criarem maiores problemas relativamente a própria deficiência. Os possíveis impactos gerados no processo de inclusão despertaram-nos para a necessidade do estudo, da pesquisa e do preparo em sala, para trabalharmos com as crianças com necessidades especiais e sua respectiva inclusão no sistema regular de ensino.

Portanto, podemos perceber que a inclusão da PNE no ensino público regular é um dos primeiros passos para a quebra do paradigma da exclusão e também seria o caminho ideal para se construir uma sociedade diversificada para todos.

## **1.2 O Acompanhamento de um aluno DA no Ambiente Potencializador para Inclusão (API)**

O API surgiu no ano de 2002, com as pesquisas realizadas pela pesquisadora Dra. Elisa Tomoe Moriya Schlünzen do departamento de Matemática da FCT/Unesp de Presidente Prudente/SP em sua tese de doutorado, idealizando que as pessoas com necessidades especiais precisam ter as mesmas oportunidades como as demais pessoas, pois estas apresentam habilidades que podem ser exploradas e desenvolvidas.

Passaremos a discorrer neste artigo, especificamente as atividades desenvolvidas por um aluno com necessidade especial auditiva, que é um dos focos de uma pesquisa realizada por uma das autoras.

---

<sup>2</sup> Vygotsky (1993, apud Schlünzen 2000) afirma que os PNEs tem seus próprios caminhos para processar o mundo. Para o autor, a dificuldade do indivíduo faz com que ele se desenvolva por meio de um processo criativo (físico e psicológico) definindo-os como caminhos isotrópicos, ou seja, os PNEs encontram seus caminhos por rotas próprias e diferentes.

A metodologia empregada é o trabalho com projetos apropriando-se das TIC como ferramenta para favorecer a criação de um ambiente CCS. Assim, de acordo com essa metodologia, procuramos propor atividades que faziam parte do universo desse aluno de 17 anos, com necessidade especial auditiva (surdo desde seu nascimento).

Vale salientar que esse aluno desde sua infância foi incentivado pelos pais, que o colocaram em instituições especializadas para que desenvolvesse a leitura labial e aprendesse a se comunicar por meio de LIBRAS. Devido ao seu desenvolvimento, ele passou a frequentar uma escola da rede particular de ensino da região de Presidente Prudente/SP.

No entanto, ao ser incluído no ambiente escolar, apresentava grandes dificuldades na leitura e na escrita e muitas vezes não acompanhava as aulas, uma vez que as aulas eram ministradas de forma instrucionista por professores despreparados para lidar com essa patologia.

Com este cenário, ao iniciar suas atividades no API, primeiramente foi realizado um diagnóstico com os pais, por meio de uma entrevista informal, com a finalidade de descobrir suas preferências, seus desejos e quais eram suas expectativas em relação ao trabalho a ser realizado futuramente.

A partir desse primeiro diagnóstico, foi possível constatar que esse aluno demonstra grande interesse por carros, futebol (copa do mundo) e equipamentos de sons. Visando atender seus interesses, foi proposta a criação de uma rádio virtual, tendo como ferramenta de criação o portal [www.usinadosom.com.br](http://www.usinadosom.com.br).

## **2. Considerações finais**

Ao trabalharmos com PNE's percebemos que é necessário a modificação e adequação dos ambientes destinados aos alunos e também buscar novas formas e estratégias de trabalho para favorecer a sua inclusão.

Com este ideal, iniciamos este trabalho com o objetivo de ser uma pesquisa como fonte de criação de instrumentos para possibilitar a inclusão nas escolas. No decorrer da atuação, deparamo-nos com uma série de dificuldades para que pudéssemos fazer este trabalho, ou seja, professores e profissionais despreparados, bem como recursos materiais escassos.

Percebemos que grande parte desses alunos eram deixados de lado ou simplesmente ignorados, devido ao despreparo desses professores, pois não eram capacitados para atuarem junto a esses alunos, além disso, era necessário sensibilizados para recebe-los. Neste sentido acreditamos que, para que a inclusão ocorra, os professores devem buscar estratégias para torná-la eficaz, ou seja, buscar meios de permanência dos alunos na escola, bem como um ensino de qualidade e aberto a todos os alunos.

Diante deste cenário, a atuação dos professores é indispensável para garantir o sucesso da aprendizagem e futuramente a inserção dos alunos na sociedade, permitindo exercer sua cidadania plena. Para tanto, ao trabalhar com projetos em sala de aula pode-se dar uma nova perspectiva ao ensino. Além disso, ao trabalharmos com DA's, em sala regular, que é o caso apresentado, far-se-á necessário a capacitação em libras (linguagem brasileira de sinais). Em outras situações mais favoráveis, deve dirigir-se ao D. A. sempre de frente, falando pausadamente, facilitando assim o entendimento, uma vez que muitos deles desenvolvem a capacidade de leitura labial.

Assim acreditamos que ambas as pesquisas realizadas contribuíram para uma reflexão de como vem ocorrendo a inclusão na escola da rede regular de ensino, e quais as estratégias que facilitam esse processo. Assim sendo, acreditamos que a inclusão pode ser concretizada, desde que haja um melhor preparo da escola, comunidade, adequação de currículos, projetos pedagógicos, bem como, a formação continuada dos profissionais que atuam na Educação Inclusiva.

## Referências Bibliográficas

GIL, M. **O que é inclusão Social.** Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/salto/ede/edetxt1.htm>, acessado em 12/02/2003

SAMPAIO, J. **O que é Inclusão Digital.** Disponível em <http://dbsrv01.pol.inf.br/polserver/root/setor00/inclusaodigital/> acessado em 22/05/2002, 2001, p.1.

SCHLÜNZEN, E. T. M. **Mudanças nas Práticas Pedagógicas do Professor: Criando um Ambiente Construcionista, Contextualizado e Significativo para Crianças com Necessidades Especiais Físicas.** 2000, 240 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo), PUC – São Paulo, 2000.

GUIMARÃES, Artur. Revista Nova Escola setembro, 2003, nº7 ano XVI.

VYGOTSKY, in: SCHLÜNZEN, E.T.M. **Mudanças nas Práticas Pedagógicas do Professor: Criando um Ambiente Construcionista, Contextualizado e Significativo para Crianças com Necessidades Especiais Físicas.** 2000, 240 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo), PUC – São Paulo, 2000.

MANTOAN, M. T. E. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon/Senac, 1998. P.211-214.

